

Tempo(s), narração e memória na obra de Eugénio de Andrade

Fernanda Irene Fonseca

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Centro de Linguística da Universidade do Porto



A poesia de Eugénio de Andrade, apesar da sua feição marcante de poesia do imediato, do olhar, do presente, é também ou sobretudo uma poesia da memória: uma memória não narrativa, instantânea, suspensa, em que o passado se dilui numa atmosfera de irrealidade. Trata-se, como é bem sabido, da memória da infância e adolescência do poeta que percorre os seus versos como um *rio* subterrâneo, um *rumor* insistente, uma *poeira* luminosa: *rio, rumor, poeira, vento, ave, verão*, são parte de uma constelação vocabular que repetidamente surge associada à memória. Essas imagens e metáforas sempre recorrentes, o ritmo e também o uso específico de alguns tempos verbais – sobretudo o imperfeito do indicativo e o presente do indicativo que, esvaziados da sua significação temporal, adquirem uma significação modal – são alguns dos recursos que contribuem, na poesia de Eugénio de Andrade, para a configuração poético-ficcional da memória.

Paralelamente à exímia construção poética desta memória sem narração, Eugénio de Andrade expandiu em prosa, desde muito cedo, um reprimido desejo de contar: o primeiro texto em prosa que publicou (em 1950, sem título, no limiar do livro *Os Amantes Sem Dinheiro*) é uma belíssima narrativa, conforme às regras, a que não falta um halo poético e evocativo. Este texto é habitualmente catalogado como um poema em prosa, mas a sua estrutura formal é distinta da dos poemas em prosa publicados posteriormente por Eugénio de Andrade. Creio, assim, que deve ser encarado como uma primeira amostra da escrita em prosa que o poeta virá a cultivar, revelando que a motivação inicial para a procura da prosa como espaço alternativo foi o desejo de contar as suas mais antigas memórias de infância, tentando clarificar o facto de estarem na génese da sua poesia. O que anuncia desde logo uma temática – a reflexão metapoética, a análise da sua própria criação poética – que virá a assumir grande relevo nos livros em prosa de Eugénio de Andrade: *Os Afluentes do Silêncio* (1968), *Rosto Precário* (1979) e *À Sombra da Memória* (1993). E é de sublinhar que nesses livros, a par com textos de índole variada, podemos sempre ler e admirar magníficas e sentidas narrativas autobiográficas. Sobretudo em *À Sombra da Memória* que, como o título anuncia e a leitura confirma, contém uma lúcida reflexão metapoética sobre poesia e memória.